



Celebridades do Esporte e Suas Vidas Narradas: Garrincha, Pelé e Ayrton Senna¹

Lívia Costa Bernabé²

Victor Israel Gentili³

Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES

Resumo

Estudo que parte da análise de um fenômeno recente de biografias escritas por jornalistas, acrescentando literatura ao modo biografar. Esse modelo de jornalismo literário incorpora técnicas que tem colocado esses livros na lista de mais vendidos. Dividida em recortes, a pesquisa busca explorar os recursos disponíveis para colaborar na compreensão da importância desse gênero de não ficção para a história e o grande interesse do público não só pelo biografado, mas pelo resultado da obra em si, carregado de características do fazer jornalístico. O recorte desta pesquisa estuda a obra de três celebridades do esporte: Garrincha, por Ruy Castro, Pelé, por José Castello e Ayrton Senna, por Ernesto Rodrigues.

Palavras-chave: jornalismo, história, literatura, biografias, esportistas

Introdução

Reconstruir a trajetória de outro sujeito. Para muitos essa é a definição do ato de biografar. Mas de que forma? Com ficção? Sem ficção? Quais os limites que existem na liberdade de recompor o caminho do biografado? Essas são algumas questões que temos estudado nesta pesquisa.

O objetivo macro de uma biografia é gerar conhecimento sobre o passado de alguém. Esse alguém ao menos tem que despertar o interesse investigativo do biógrafo para que se torne biografável. Mas não é só isso que define a escolha da persona, há

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 13 a 15 de maio de 2010.

² Estudante de Graduação 5º. Semestre do Curso de Jornalismo da UFES, email: liviabernabe@hotmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UFES, email: vgentilli@uol.com.br



outros fatores como identificação do biógrafo com o indivíduo, interesses pessoais do autor e tendências mercadológicas.

O que se tem notado é que no Brasil, biografias escritas por jornalistas tem ganhado um espaço preferencial entre os leitores. De acordo com Vilas Boas (2002), a produção de livros biográficos no Brasil entre 1995 e 1997 quase dobrou (99%). E uma das obras de não ficção que liderou a lista de mais vendidos naquela época e que também é objeto desta pesquisa foi *Estrela Solitária – Um brasileiro chamado Garrincha*, por Ruy Castro. Dados como este comprovam a presença desse tipo de narrativa no cotidiano das pessoas, fenômeno que se instalou principalmente a partir dos anos 90.

O relato dentro desse gênero é carregado de subjetividade, idéias, narrativa, desejos e personagens e os recursos narrativos utilizados pelo biógrafo jornalista pretende aproveitar o campo de sua área para oferecer atributo a sua obra. Para o jornalista norte-americano Steve Weinberg (1992, apud VILAS BOAS, 2002) a biografia feita pelo jornalista tem peculiaridades muito vantajosas.

“Jornalistas importantes que se tornam biógrafos trazem para sua nova ocupação características já prontas que, para os acadêmicos especializados, surgem com menos naturalidade: eles já sabem obter informação difícil, considerada sigilosa, sobre uma variedade de assuntos a partir de agências governamentais e instituições particulares; convencer fontes relutantes a falar; escrever de forma clara para leitores de todos os níveis e não só para acadêmicos; utilizar o processador de texto antes de vencer o prazo final para a entrega do trabalho.”

No primeiro momento da pesquisa foi feita a leitura criteriosa das biografias e a produção de diários de campo, descrevendo peculiaridades de cada autor quanto a sua maneira de construir a narrativa. Foi observado alguns atributos literários do autor quanto a ordem cronológica; quanto a forma como o autor utiliza as entrevistas e como conecta as informações; quanto as fontes; quanto as origens; quantos aos documentos; quantos aos detalhes; quanto a ausência ou presença de notas de rodapé; quantos ao fio condutor; quanto ao tipo de discurso; quanto ao foco; quanto a contextualização; quanto a presença de pormenores e quanto a citação de personagens secundários.

Trataremos também da questão das biografias independentes que se enquadram no caso da maioria das biografias publicadas no Brasil, inclusive das três citadas nesta pesquisa.



Embora as biografias autorizadas facilitem o trabalho de entrevistas com parentes e com o próprio biografado, essa relação estabelece um certo tipo de limitação ao biógrafo, que se vê restringido a publicar somente informações autorizadas, o que empobrece a obra e sabota a intenção do autor. Além disso, preconceber informações pode injustiçar o biografado, já que impede o leitor de ter acesso a pluralidade de sua persona (VILAS BOAS, 2002).

A narrativa

Biografar alguém ou algo não é tarefa fácil. Exige um esforço pessoal, duro. O autor de uma biografia não precisa ser especialista, desde que saiba interpretar de forma analítica a trajetória do personagem, sua vivência e suas relações pessoais. É fundamental a existência de uma certa relação de identificação entre biógrafo e biografado.

O interesse do leitor pela obra demonstra primeiramente que o biografado tem importância. O segundo fato que influencia nessa preferência é a maneira como ela é escrita. As pessoas lêem e continuam lendo biografias. Acreditam alguns pesquisadores, que talvez seja pelo prazer de se identificarem e projetarem-se em outras vidas, de poder compartilhar sua própria história com outra pessoa e voltarem ao presente após a leitura e também pelo fato das pessoas estarem sempre em busca de um herói.

O fato de se tratar de uma pessoa real, substitui a ficção como preferência do gênero por parte do leitor. As diversas formas de subjetividade contemporâneas do autor se mistura com a realidade do biografado construindo a biografia por meio de inevitáveis intervenções de variados campos do saber.

Em algumas universidades conservadoras, se exclui o jornalismo como forma de pesquisa que operam relatos orais por meio das entrevistas. As justificativas para essa posição giram em torno de questões éticas, direito à autoria e função social do produto intelectual (VILAS BOAS, 2002). Em outras palavras: é como se o jornalismo agisse no improvisado, enquanto outros entrevistadores sistematizassem os conhecimentos. Se assim fosse, o jornalista biógrafo não faria tanto sucesso, pois as pessoas não comprariam suas obras, sabendo que não passam de especulações baseadas no improvisado.

As entrevistas constituem a maior parte de uma biografia. Para Ruy Castro, cerca de 70% de uma biografia é feita por entrevistas. Em *Estrela Solitária* Ruy contabilizou 170 entrevistados, alguns mais de uma vez, totalizando mais de 500



entrevistas. Em Ayrton, Ernesto realizou mais de 200 entrevistas em sua pesquisa. Já José Castello em *Pelé*, não revela a quantidade de entrevistas, mas agradece a diversos nomes por suas colaborações no fornecimento de informações. Vale uma ressalva que o livro do *Pelé* é um caso a parte, pois trata-se na realidade de um perfil e não de uma biografia densa como a de Garrincha e Senna.

Para somar a base de entrevistas, os biógrafos contam com um vasto banco de dados, cheios de informações colhidas em jornais, revistas, internet, livros, material audiovisual e gravações, que na maioria das vezes não são de fácil acesso. Acontece um grande trabalho de investigação, onde os biógrafos precisam buscar pela veracidade dos fatos, principalmente daqueles impressos em jornais, pois a narrativa jornalística é apenas uma versão do fato e segue a linha editorial do jornal em questão. O objetivo das entrevistas é confirmar o que já se sabe, revelar episódios e situações desconhecidas, entender decisões e reconstituir momentos decisivos na vida de cada personagem, sem depender de fontes e visões unilaterais.

Na realização de *Ayrton – O herói revelado*, Ernesto se deparou com diversos documentos e recortes sobre a persona, guardados em baú pela tia fã do ídolo. Ernesto tinha aquele material e precisava averiguar, buscar a criticidade e veracidade do ocorrido e foi o que ele fez, desdobrando a sequência dos acontecimentos relevantes. Para uma obra bem feita o biógrafo precisa se preocupar com todos os detalhes, por isso é um trabalho que leva muito tempo.

Dentro de uma narrativa literária o leitor se coloca ao lado do narrador fictício e “presencia” os eventos, por isso o verbo no pretérito perde sua função real histórica. O biógrafo se depara com acontecimentos que moldaram o seu biografado ou foram por ele moldados e precisa lidar com isso de forma a tentar fazer o seu leitor entender e conseguir se colocar ao lado do narrador para presenciar, por isso é muito importante a contextualização do biografado.

O emprego de recursos literários dão suporte à ordem cronológica da história do biografado. Um questionamento que se faz hoje e que iniciou desde o final do século XIX entre os críticos literários é o quanto o biógrafo poderia revelar da vida do biografado. Resumindo: quais são os direitos do biógrafo vivo ou morto? (VILAS BOAS, 2002).

Em países com o mercado editorial mais consolidado há leis que asseguram ao biógrafo o direito de ter sua obra publicada sem cortes e para iniciar um processo judicial é preciso comprovar que a biografia contém calúnias e mentiras (VILAS



BOAS, 2002). Não é o caso do Brasil, que como exemplo da biografia de Roberto Carlos escrita por Paulo César Araújo, o biografado, sob direitos presentes na Constituição, censurou a obra em 2006.

Seguem mais algumas observações importantes sobre a narrativa e as peculiaridades de cada obra analisada nesta pesquisa.

Alma de passarinho

Garrincha, nome de um passarinho bobo, marrom, com o dorso listrado de preto, comedor de insetos. Canta bonito, mas não se adapta ao cativeiro, assim como Manuel dos Santos, O Garrincha, mito do futebol.

Ruy Castro afirma que o objetivo de uma biografia é “revelar o ser humano para quem se habituou a só ver o herói e mostrar o herói para quem só teve a chance de conhecer o ser humano” (CASTRO 1998; citado por VILAS BOAS 2002)

Sendo a biografia apenas o recorte de uma vida e não a vida, Ruy busca mostra as várias facetas de seu personagem. Inicia falando dos bisavós de Garrincha [índios fulniôs], utiliza elementos históricos para trabalhar com uma linearidade genealógica, fazendo uma conexão coerente com o vasto material coletado e insinuando ao leitor que um dos maiores dribladores do Botafogo herdou isso de seus antepassados:

” Em tempos mais heróicos, seus captores teriam de perseguí-los [os fulniôs] pelas florestas de pau-brasil, arriscando-se a ser vergonhosamente driblados. Mas a arte de driblar – de iludir o perseguidor, desmoralizá-lo e deixá-lo derrotado para trás – parecia ser já uma habilidade perdida pelos bisavós de Garrincha em meados do século XIX (CASTRO, p.8)

Iniciar seguindo uma ordem cronológica foi uma opção de Ruy, que buscou atribuir sentido ao temperamento de Garrincha por meio de sua descendência. Há autores como Fernando Morais, em *Olga*, por exemplo, que optou por iniciar a biografia contando um fato marcante que acontecia com Olga no dia 19 de abril de 1928 e ao mesmo tempo com Luis Carlos Prestes [seu futuro namorado e parceiro comunista] na mesma data.

Ruy destaca três pontos fortes na personalidade de Garrincha em sua obra: o **espírito indomável**, o biografado não se enquadra nas regras, não cumpria horário, nem etiqueta, o autor relaciona esse comportamento à origem indígena, da vida solta que



levava na floresta e da infância de caça e pesca em Pau Grande, sua cidade natal. Tal característica está intimamente ligada a uma outra: sua **simplicidade**, uma consequência natural da vida simples que levou. E por último, sua **compulsão por álcool e sexo**, que Garrincha teria herdado do pai, Amaro.

A opção do autor de não incluir notas rodapé na obra tornam a leitura muito mais agradável e fluente, sem comprometer a base histórica e a veracidade dos fatos. Ruy prima muito pela não ficção e só publica o que consegue comprovar. No caso de um fato ter várias versões o autor as expõe e deixa a escolha a critério do leitor.

Estrela Solitária é uma biografia independente, apesar da família do biografado ter sido avisada e até ter colaborado com entrevistas e materiais fotográficos. Todo o trabalho durante a realização da pesquisa não se findou na publicação da obra. Ruy teve muito trabalho mesmo após o término do livro. Juntamente com a editora Companhia das Letras foi processado na justiça pelas filhas de Garrincha com a ajuda de dois advogados, que exigiram indenização por danos morais e materiais por violação do direito a imagem, do nome, da intimidade, da vida privada e da honra paterna.

Estrela Solitária", a biografia do Garrincha que foi proibida assim que saiu devido a um processo oportunista e canalha montado por dois advogados em nome das filhas do Garrincha que são rigorosamente inocentes nesta história. Deram ganho de causa a estes advogados e o livro foi retirado de circulação por um ano. Só pode voltar no final de 1996, desde então não saiu mais. E o processo se arrastou por dez anos depois que as filhas do Garrincha pediram para fazer um acordo com a Cia. das Letras pelas costas de seus advogados. Foi a única maneira que elas tiveram de ter paz, pois foram envolvidas por estes advogados em um processo judicial que foi prejudicial para todo mundo. (<http://tc.batepapo.uol.com.br/convidados/arquivo/livros/ult1750u420.jhtm>)

Alcoólatra por 20 anos, Ruy Castro encontra no alcoolismo de Garrincha o fio condutor de sua obra. O autor quando fala do alcoolismo de Garrincha demonstra conhecimento e propriedade para abordar, Mostra grande empatia e parece incorporar o personagem em diversas situações. Em entrevista no programa Roda Viva, Ruy revela o porquê da escolha por Garrincha para biografar.

“Eu queria escrever a história de um alcoólatra que tivesse sido muito famoso, muito feliz, muito amado e muito adorado por muita gente, porque eu precisava de um fio condutor, um personagem que conduzisse a história. O Garrincha apareceu 30 segundos depois que eu tive a idéia de fazer um livro sobre um



alcoólatra”.
(http://www.rodaviva.fapesp.br/materia_busca/200/ruy%20castro/entrevistados/ruy_castro_2006.htm)

Ruy afirma que depois de tantos anos de atividade alcoólica, isso o provocou uma curiosidade a respeito desse mecanismo de dependência química, não só de alcoolismo, mas também de outras drogas, legais ou ilegais. Enfatiza bastante a presença da bebida na vida da persona e de como ela o destruiu.

Uma outra característica mantida por Ruy durante todo o livro é a conexão das informações de forma coerente. A preocupação do autor em trabalhar detalhes e não deixar nada importante de fora traz ao trabalho de biografar muito esforço por parte do escritor.

Segue um exemplo de conexão feito por Ruy.

” [...] Aos 45 minutos, o juiz Eunápio de Queiroz encerrou o jogo. Naquele exato momento, ouvindo a transmissão de Jorge Curi pela rádio Nacional, o operário e boêmio Avelino Gomes, torcedor do flamengo, sofreu um infarto em sua casa no Engenho de Dentro e morreu. Sua filha não pode ajudá-lo. Estava muito longe dali, cantando na Argentina – Elza Soares.” (CASTRO, p.192)

Elza Soares teve grande importância na vida de Garrincha, mas se o leitor não sabe disso se pergunta o porque da menção. E mesmo que o leitor saiba, Ruy só volta a falar de Elza 42 páginas depois.

Os dez corações

Em *Pelé – Os dez corações do Rei* o autor José Castello opta por falar apenas de Pelé, o jogador. Não se trata exatamente de uma biografia densa como a de Garrincha e Ayrton Senna e sim de um perfil que aborda apenas uma faceta da persona. A escolha por essa obra como objeto de pesquisa, foi a ausência de uma biografia completa escrita por jornalista sobre Pelé, a que mais se aproximou do objetivo de análise dessa pesquisa foi a de José Castello.

Nota-se durante a leitura e o autor deixa bastante claro sua grande admiração por Pelé. No prólogo, José Castello afirma que no Brasil, por motivos diversos, muita gente não empresta a Pelé o valor que, de fato, lhe cabe. “Escrevi esse livro na esperança de



reparar, um pouco, essa grave injustiça. Aceitar o Rei como Rei, sem contestá-lo, sem duvidar de sua soberania, mas sim para reverenciá-lo” (CASTELLO, p.13)

José Castello apresenta Pelé quase que impondo uma única opinião sobre ele: a de que ele é o melhor jogador do mundo.

O biógrafo divide o livro em dez capítulos, que justificam o título - os dez corações do rei: predestinação, arte, obstinação, sangue, coragem, mística, paixão, espelho, nobreza e magia. Esses dez corações seriam as dez qualidades que, hipoteticamente, dele fizeram um Rei. Representa também o número dez da camisa que consagrou Pelé. Os corações, que remetem a ideia de doçura e romantismo na realidade alude a cidade mineira chamada Três Corações, aonde Pelé nasceu. José Castello Não segue um ordem cronológica em sua obra e não aprofunda o contexto ao leitor. Não apresenta de fato o período econômico e político em que Pelé estava em seu auge. Comenta sobre um episódio onde Pelé deu ao presidente Médici duas medalhas após um jogo, mas só pra esclarecer que aquilo, na opinião do autor, não foi um ato de bajulação, como muitos julgavam e sim um ato espontâneo. Menciona também o presidente Jânio Quadros. Ele trabalha com muitos adjetivos e em especial com aspectos mitológicos e sobrenaturais, mesmo que por metáforas.

“Esses pequenos eventos noturnos [sonambulismo] começaram a reforçar, em casa, a mística de que ele [Pelé] era, de fato, um ser especial, dado a experiências inexplicáveis e, de alguma forma, conectado ao sobrenatural. Submetido a forças que lhe escapavam e a forças excepcionais, das quais os outros não podiam compartilhar”. (CASTELLO, p.130)

Uma característica marcante no personagem é a sua dupla personalidade. Edson Arantes do Nascimento, o Pelé, se refere ao mito do futebol na 3ª pessoa sem nenhum constrangimento. O autor inicia o livro querendo responder a pergunta porque Edson Arantes do Nascimento se tornou Pelé? E termina dizendo que não existe resposta para essa pergunta e é por isso que ele [Edson] se tornou Pelé.

No limite

Em *Ayrton – o Herói revelado*, Ernesto Rodrigues segue uma ordem cronológica fazendo encaixes conexos. Ele inicia o livro falando do último dia da vida de Ayrton, descrevendo a última corrida e pega um ponto forte que é a emoção que Senna sentia



quando ia correr e liga aos primeiros contatos dele com um carro de corrida. “Não trocava as emoções do cockpit por nada da vida. Em mais alguns segundos, ele se entregaria de novo à aventura que tinha começado aos quatro anos de idade ao soar de um motor de picadeira de cana, com três cavalos de potência (RODRIGUES, p.17)

O autor contextualiza bastante o leitor no momento histórico que Ayrton viveu, levando em consideração que o biografado molda os acontecimentos e vice-versa. Segundo Ernesto Rodrigues, Senna provocara uma certa empatia nos brasileiros. “O país saía da ditadura, era tempo da campanha pelas eleições diretas, havia um clima de emoção no ar, faltavam pessoas marcantes. Senna apareceu na hora certa: uma pessoa simples, corajosa e orgulhosa de seu país.” (MONTENEGRO, citado por RODRIGUES, 2004, p. 104)

O autor descreve todas as corridas que Ayrton participou, revelando ao leitor os bastidores de cada uma. A obsessão e perfeccionismo da persona não se resumia somente às pistas. Além de levar para casa dados da telemetria e voltar no outro dia cheios de sugestões, Senna era exigente quando o assunto era o seu cabelo, só o cortava com uma única pessoa: Walderez Zanetti.

Outro ponto forte, que conduz essa biografia, no personagem, é sua obsessão por vencer não só nas corridas, mas em qualquer disputa. Ele não sabia perder.

“Primeiro na mesa de pingue pongue. Alfredo jogava muito bem. Senna não se conformava em perder e chegou a deixar o novo amigo irritado com a insistência para novos tira-teimas. E jogou muito até conseguir, finalmente, vencer Alfredo, meses depois de muito treino.” (RODRIGUES, p.35)

Sua vontade de vencer era mais forte que os limites de seu próprio corpo. Nuno Cobra [preparador físico] estava cuidando do preparo físico dele e muitas vezes Senna não agüentava, passava mal com toda aquela força centrífuga, o calor, o desconforto de uma hora e tantas dentro de um carro naquela velocidade. A falta de um preparo ideal já fez com que Senna terminasse a corrida e tivesse que ser levado direto para o hospital, desfalecendo.

Quem ganha a corrida não é quem corre mais, porque todo mundo corre no limite máximo: limite de velocidade, limite do pneu, limite físico do corpo. Então o que fazia de Senna um vencedor? Existia algo nele de diferente, nem sempre ele estava com o melhor carro, mas em diversas situações mesmo assim ganhava. A sensibilidade e a capacidade de controlar esses limites poderiam ter sido melhor trabalhadas pelo autor.



Nada para Senna era mais importante que a corrida, suas relações amorosas diversas vezes foram abaladas devido a essa obsessão. Valorizava muito a família e nunca sofreu nenhum tipo de pressão por parte deles. Sua capacidade de concentração era diferente das dos outros pilotos, prezava pelo silêncio.

No treino, na Bélgica 1985, Ayrton fez um bom tempo e voltou aos boxes. Hora de trocar o turbo – 40 min. Durante todo esse tempo Senna permaneceu no cockpit, queria se concentrar, para fazer a volta em exatos 1m 16s 09. Com os olhos fechados dentro do capacete, se concentrando e acompanhando pelo monitor as inúteis tentativas dos outros pilotos de melhorar o tempo. Faltando 15 minutos para o término do treino ele entra na pista e crava exatos 1m 16s 09.

Aquele fim de semana foi um espetáculo de Ayrton. Bernard, responsável pelos motores Renault foi surpreendido quando Senna descreveu uma única volta rápida em SPA, suas impressões, sensações, e, principalmente, todos os dados técnicos, números de relações do motor, pressão do óleo, temperatura e consumo com muita precisão em cada trecho da curva. Ao comparar, os dados de Ayrton com os da telemetria: tudo igual (RODRIGUES, P.144).

Conclusão

O trabalho biográfico conduz o leitor a ver a vida do biografado como o biógrafo a montou, por isso o cuidado com a verdade para tornar a obra de importância histórica é uma busca constante entre esses autores. Não cabe ao biógrafo julgar ou absolver o personagem, mas escrever com riqueza de detalhes e deixar a critério do leitor desenvolver sua própria interpretação dos fatos. Por isso é valorizado autores que colocam todas as versões de um mesmo fato e que exploram ao máximo as informações e fazem o possível para incluí-las ao máximo na obra. Essa riqueza de detalhes contida nas biografias de Ayrton e Garrincha diferenciam-na de Pelé, um perfil.



Referências bibliográficas

BOAS, S. V. **Biografias e Biógrafos: jornalismo sobre personagens**. São Paulo: Summus, 2002.

BOAS, S. V. - **Perfis e como escrevê-los**, São Paulo, Summus, 2003.

CASTELLO, J.- **Pelé: os dez corações do rei**, São Paulo, TecnoPrint, 2004.

CASTRO, R. - **Estrela Solitária: um Brasileiro Chamado Garrincha**, São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

RODRIGUES, E. – **Ayrton - o herói revelado**, Rio de Janeiro, Objetiva, 2004.

Programa Roda Viva: Entrevista com Ruy Castro. Disponível em:

< www.rodavida.fapesp.br> Acesso em: 03 de dezembro de 2009.

UOL. Bate papo com Ruy Castro. Disponível em: <www.batepapouol.com.br> Acesso em: 05 de abril de 2010.